**O USO DOS PRONOMES DE TRATAMENTO
UMA ANÁLISE DA QUEBRA DE FORMALIDADE
NO TEXTO LITERÁRIO**

Gil Roberto Costa Negreiros
(PUC-SP e UNIVERSITAS)

RESUMO

Este artigo analisa o emprego de alguns pronomes de tratamento em um diálogo construído. Investigamos as formas de tratamento, presentes em um conto de Luís Fernando Veríssimo, como representação dos papéis sociais dos interlocutores. Demonstramos, também, que as expressões de tratamento presentes no texto podem indicar, além da representação dos papéis sociais dos supostos interlocutores, os índices de formalidade ou de informalidade de determinada situação de comunicação.

Palavras-chave: Sociolinguística, status, papel social, texto literário.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Dentre os muitos problemas pertencentes à Sociolinguística, merece destaque aquele que se refere às formas de tratamento existentes entre falante e ouvinte, isto é, a maneira pela qual os interlocutores se tratam.

Considerando esse fato, iremos nos preocupar, neste trabalho, com o emprego de algumas expressões de tratamento presentes em um texto literário, a fim de demonstrarmos que o uso de determinadas formas, além de orientar o suposto diálogo, indica o grau de formalidade ou informalidade da situação de comunicação. Para tanto, antes de estudarmos a mudança na forma de tratamento presente no *corpus* escolhido, será necessário discutirmos a relação existente entre *status*, *papel social* e *formas de tratamento*.

STATUS, PAPEL SOCIAL E FORMAS DE TRATAMENTO

Segundo Preti, o conceito *de status* se interpenetra no *de papel social*, “e ambos se referem à participação do homem no *grupo social*”. (2000: 85)

Dessa maneira, um único indivíduo pode pertencer a vários grupos sociais, do mesmo modo que tem uma posição definida em cada grupamento. Assim, uma pessoa pode ocupar a função de médico, de pai de família, de presidente de um clube esportivo e de membro de uma torcida organizada. A essas posições sociais damos o nome de *status*.

Em cada uma dessas situações, o *status* exige da pessoa que o ocupa certos comportamentos considerados convenientes, como uma postura ética adequada, “aspectos ligados à sua representação física, à sua aparência, ao seu vestuário. E, também, à sua linguagem, componente importante na criação de sua imagem.” Desse modo, há, em cada *status*, um determinado *papel social*. (cf. *Idem*, 2000: 86)¹²

Papel social, assim, refere-se “ao conjunto de comportamentos prescritos para (ou esperáveis de) uma pessoa que ocupe certa posição na estrutura social.” (ROBINSON: 1977: 114)

O tipo de linguagem empregado pode representar, juntamente com outros fatores já citados acima, a posição do indivíduo em certas situações sociais. Dessa forma, a língua é um importante componente no desempenho do papel social exercido pela pessoa. Assim, da mesma maneira que um indivíduo pode se diferenciar dos demais em relação ao seu papel social, o que gera diferentes variedades linguísticas, pode-se afirmar que um mesmo indivíduo faz uso de diversas formas linguísticas, representando os diferentes papéis sociais ocupados, por ele, na sociedade.

Em vista disso, é possível dizer que, por um lado, a língua que usamos indica nossa região de origem, nossa profissão, nosso grau de escolaridade, aspectos de nossa personalidade, a época em que vivemos etc., o que pode ser um diferenciador das demais pessoas que, juntamente conosco, formam a sociedade.

Por outro lado, o mesmo indivíduo tem a possibilidade de representar papéis sociais distintos, como professor, vizinho, namorado, presidente de uma entidade beneficente, aluno de um curso de pós-graduação, passageiro de ônibus etc. Em todos esses casos, a va-

¹² A respeito da definição de *papel social*, consultar, também, MAINGUENEAU, 2000: 102-4.

riante lingüística empregada pelo indivíduo pode variar. Assim, a variedade lingüística reflete o papel social ocupado pela pessoa em cada uma das situações sociais descritas acima. De acordo com Robinson, “em qualquer encontro entre participantes, os traços lingüísticos usados podem definir a natureza e o estado de sua relação entre papéis.” (1977: 115)

Na relação existente entre papéis sociais e variação lingüística, cabe lembrar as formas de tratamento, que podem ser definidas, conforme Robinson, como “aquilo de que uma pessoa chama a outra e o que isso significa”. (1977: 116)

FORMALIDADE E INTIMIDADE NAS FORMAS DE TRATAMENTO

A respeito da ligação entre papéis sociais e formas de tratamento, Preti postula:

De uma maneira geral, pode-se dizer que as formas de tratamento estão ligadas a fatores diversos, como intimidade, solidariedade, polidez, afetividade, reverência, hierarquia, poder. Podem ocorrer nos diálogos ou nos vocativos e, nestes, apresentam grande variedade, aberta às mais inesperadas *situações de comunicação*. (2000: 91-2)

Em seguida, o autor afirma que, na língua portuguesa, o sistema de tratamento pode ser representado pelos pronomes pessoais, por formas nominais (nomes próprios, pronomes, sobrenomes) por vocativos e por formas pronominalizadas, que têm o mesmo valor dos pronomes pessoais. Dentre as formas pronominalizadas (com valor de pronomes pessoais), encontram-se, entre outros, os pronomes *você* e *o senhor / a senhora*. (cf. 2000: 92)

Em um diálogo, por exemplo, a forma de tratamento escolhida pode, dentre as diversas possíveis, refletir o papel social esperado de acordo com os *status* de cada participante: “É óbvio que o uso dessas variantes de tratamento não é indiferente e implica as múltiplas relações entre os vários *status* sociais e os conseqüentes papéis para desempenhá-los.” (*Idem*, 2000: 92)

Assim, se um dos falantes, em um diálogo, se dirigir ao seu interlocutor usando a expressão *o senhor*, pode-se notar, dependendo do contexto, certa carga de formalidade, o que pode ser um índice do

papel social exercido pelos indivíduos, naquela situação social.

Entretanto, suponhamos que, em determinado momento, um dos indivíduos deseje abrandar essa formalidade – o que, diga-se de passagem, muitas vezes ocorre. Essa quebra de formalidade acarretará em uma nova forma de tratamento (*você*, por exemplo), que representará, conseqüentemente, um aumento da intimidade entre os interlocutores.

O CORPUS

O texto escolhido para análise é de autoria de Luís Fernando Veríssimo. Trata-se de um pequeno conto construído a partir de um diálogo inventado. Por se tratar de um texto curto e, também, com o intuito de analisarmos as expressões de tratamento nele presentes, torna-se necessário transcrevermos, na íntegra, todo o conto. Visando a facilitar posteriores comentários, destacamos os referidos tratamentos, enumeramos as linhas do texto e demarcamos as falas com **H** (homem) e **M** (mulher):

LIXO¹³

Encontram-se na área de serviço. Cada um com seu pacote de lixo. É a primeira vez que se falam.

H — Bom dia...

M — Bom dia.

H 05 — **A senhora** é do 610.

M — E **o senhor** do 612.

H — É.

M — Eu ainda não lhe conhecia pessoalmente...

H — Pois é...

M 10 — Desculpe a minha indiscrição, mas tenho visto seu lixo...

H — O meu quê?

M — O seu lixo.

¹³ Texto extraído de VERÍSSIMO, 1995: 76-78.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

- H — Ah...
- M — Reparei que nunca é muito. Sua família deve ser pequena...
- H 15 — Na verdade sou só eu.
- M — Mmmm. Notei também que **o senhor** usa muita comida em lata.
- H — É que eu tenho que fazer minha própria comida. E, como não sei cozinhar...
- M — Entendo.
- H 20 — **A senhora** também...
- M — Me chame de **você**.
- H — **Você** também perdoe a minha indiscrição, mas tenho visto alguns restos de comida em seu lixo. Champignons. Coisas assim...
- M — É que gosto muito de cozinhar. Fazer pratos diferentes. Mas como moro
- 25 sozinha, às vezes sobra...
- H — **A senhora... você** tem família?
- M — Tenho, mas não aqui.
- H — No Espírito Santo.
- M — Como é que **você** sabe?
- H 30 — Vejo uns envelopes no seu lixo. Do Espírito Santo.
- M — É. Mamãe escreve todas as semanas.
- H — Ela é professora?
- M — Isso é incrível! Como foi que **você** adivinhou?
- H — Pela letra no envelope. Achei que era letra de professora.
- M 35 — **O senhor** não recebe muitas cartas. A julgar pelo seu lixo.
- H — Pois é...
- M — No outro dia tinha um envelope de telegrama amassado.
- H — É.
- M — Más notícias?
- H 40 — Meu pai. Morreu.
- M — Sinto muito.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

H — Ele já estava bem velhinho. Lá no Sul. Há tempos que não nos víamos.

M — Foi por isso que você recomeçou a fumar?

H — Como é que **você** sabe?

M 45 — De um dia para o outro começaram a aparecer carteiras de cigarro amassadas no seu lixo.

H — É verdade. Mas consegui parar outra vez.

M — Eu, graças a Deus, nunca fumei.

H — Eu sei. Mas tenho visto uns vidrinhos de comprimido no seu lixo...

M 50 — Tranquilizantes. Foi uma fase. Já passou.

H — Você brigou com o namorado, certo?

M — Isso **você** também descobriu no lixo?

H — Primeiro o buquê de flores, com o cartãozinho, jogado fora. Depois, muito lenço de papel.

M 55 — É, chorei bastante. Mas já passou.

H — Mas hoje ainda tem uns lencinhos...

M — É que eu estou com um pouco de coriza.

H — Ah.

M — Vejo muita revista de palavras cruzadas no seu lixo.

H 60 — É. Sim. Bem. Eu fico em casa. Não saio muito. Sabe como é.

M — Namorada?

H — Não.

M — Mas há uns dias tinha uma fotografia de mulher no seu lixo. Até bonitinha.

H 65 — Eu estava limpando umas gavetas. Coisa antiga.

M — **Você** não rasgou a fotografia. Isso significa que, no fundo, você quer que ela volte.

H — **Você** já está analisando o meu lixo!

M — Não posso negar que seu lixo me interessou.

H 70 — Engraçado. Quando examinei o seu lixo, decidi que gostaria de conhecê-la. Acho que foi a poesia.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

M — Não! Você viu meus poemas?

H — Vi e gostei muito.

M — Mas são muito ruins!

H 75 — Se **voce** achasse eles ruins mesmo, teria rasgado. Eles só estavam dobrados.

M — Se eu soubesse que você ia ler...

H — Só não fiquei com eles porque, afinal, estaria roubando. Se bem que, não sei: o lixo da pessoa ainda é propriedade dela?

M 80 — Acho que não. Lixo é domínio público.

H — **Você** tem razão. Através do lixo, o particular se torna público. O que sobra da nossa vida privada se integra com a sobra dos outros. O lixo é comunitário. É a nossa parte mais social. Será isso?

M — Bom, aí **voce** já está indo fundo demais no lixo. Acho que...

H 85 — Ontem, no seu lixo...

M — O quê?

H — Me enganei, ou eram cascas de camarão?

M — Acertou. Comprei uns camarões graúdos e descasquei.

H — Eu adoro camarão.

M 90 — Descasquei, mas ainda não comi... quem sabe **a gente** pode...

H — Jantar juntos?

M — É.

H — Não quero dar trabalho.

M — Trabalho nenhum.

H 95 — Vai sujar a sua cozinha.

M — Nada. Num instante se limpa tudo e põe os restos fora.

H — No seu lixo ou no meu?

DA FORMALIDADE PARA A INTIMIDADE: UM EXEMPLO

Segundo postula Preti, se considerarmos os papéis sociais dos interlocutores de um diálogo literário, bem como as variações linguísticas representativas desse papel, podemos examinar essa situação de comunicação literária como reprodução natural de um ato de

fala:

Uma *situação de comunicação* apresentada pelo diálogo literário poderá ser a reprodução natural (tanto quanto possível, porque ficam praticamente ausentes as marcas prosódicas, limitadas que são às informações da voz narrativa) de um ato de fala, desde que se considerem os papéis sociais dos interlocutores e as variações lingüísticas necessárias para representar o seu *status* papel. (2000: 89)

Isso posto, observemos que não se faz referência, no texto em questão, à profissão das personagens. Contudo, podemos definir o papel social de ambos na situação de comunicação: são vizinhos (pois moram nos apartamentos 610 e 612) e nunca foram apresentados, já que é a primeira vez que se falam. O fato de serem quase desconhecidos pode ser uma das principais justificativas da formalidade presente no primeiro momento, representada pelo uso das formas de tratamento *o senhor / a senhora*.

Desse modo, nas linhas (5) e (6), notamos um certo índice de formalidade, visto que esse trecho representa o momento em que os interlocutores conversam pela primeira vez. Aqui, o papel social de ambas as personagens refere-se ao de vizinhos que se conhecem apenas de vista e nunca se falaram:

H — **A senhora** é do 610.

M — **E o senhor** do 612.

A dinâmica da formalidade continua, podendo ser observada na linha (16), quando a mulher se dirige à personagem masculina:

M — Mmmm. Notei também que **o senhor** usa muita comida em lata.

Curioso observar que é a própria personagem feminina que, logo em seguida, pede ao homem que a chame de *você*, em um nítido interesse de destruir a formalidade presente. Notemos no trecho (20-23):

H — **A senhora** também...

M — Me chame de **você**.

H — **Você** também perdoe a minha indiscrição, mas tenho visto alguns restos de comida em seu lixo. Champignons. Coisas assim...

As linhas citadas acima denunciam o início do período de in-

timidade da conversa, que é representado pela mudança na forma de tratamento entre os interlocutores. Cabe lembrar que essa quebra da formalidade, mesmo acontecendo de maneira sutil e educada, gera algum embaraço na pessoa que está com a palavra:

A todo momento, vemos o embaraço que sentimos, dialogando com uma pessoa de *status* superior ao nosso, ao passarmos de um tratamento que indica autoridade e poder (como o *senhor*) para outro de intimidade e solidariedade (como *você*) que inclui o interlocutor em nosso grupo social, ainda que haja estímulo na *situação de comunicação*, para que tal ocorra. (Idem, 2000: 92)

No texto em questão, o embaraço, mencionado acima por Pretti, não necessitou da presença de uma pessoa de *status* superior para ocorrer. Tal situação é demonstrada nas linhas (26) e (27), o que acontece logo após o pedido feminino, quando o homem hesita na escolha da forma de tratamento:

H — **A senhora... você** tem família?

M — Tenho, mas não aqui.

A mesma situação, também, é vivida pela mulher que, sem receber um pedido de mudança de tratamento, trata o homem pela forma *você*, o que pode ser observado nas linhas (29) e (33). Em seguida, volta à formalidade com o emprego do *senhor*, na linha (35), para, enfim, informalizar totalmente a conversa:

M — Como é que **você** sabe?

H — Vejo uns envelopes no seu lixo. Do Espírito Santo.

M — É. Mamãe escreve todas as semanas.

H — Ela é professora?

M — Isso é incrível! Como foi que **você** adivinhou?

H — Pela letra no envelope. Achei que era letra de professora.

M — O **senhor** não recebe muitas cartas. A julgar pelo seu lixo.

A partir da linha 35, o diálogo se caracteriza por uma forte intimidade, representada pelos usos do pronome *você* nas linhas (44), (52), (66), (68), (75), (81) e (84). Já no final do diálogo, mais precisamente na linha (90), no momento em que a mulher sugere um jantar a dois, logo aceito pelo homem, pode-se notar que a intimidade é retratada, também, pelo pronome *a gente*.

M — Descasquei, mas ainda não comi... quem sabe a **gente** pode..

Diante de todas essas observações, podemos notar que há, no texto, três momentos que retratam, respectivamente, (a) intensa formalidade; (b) passagem da formalidade para a intimidade e (c) intensa intimidade. Essa divisão pode ser observada no quadro 01.

INTENSA FORMALIDADE	FORMALIDADE – INTIMIDADE	INTENSA INTIMIDADE
linhas 1-20	Linhas 21-35	linhas 36-97

Quadro 01 – Da formalidade para a intimidade – texto “Lixo”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O uso de determinadas formas de tratamento, além de ter a função de orientação do suposto diálogo, pode indicar o grau de formalidade ou de informalidade da situação de comunicação.

Diante dos fatos apresentados na análise do *corpus*, chamamos a atenção para o fato de que o uso de algumas formas de tratamento pronominalizadas, como *o senhor*, *a senhora* e *você*, pode refletir os papéis sociais dos interlocutores, em determinadas situações.

Desse modo, a troca ocorrida entre as formas de tratamento indica, no texto em questão, dois tipos de relação entre papéis sociais, que são demonstrados, primeiramente, por uma relação de relativa formalidade, já que os interlocutores não se conheciam.

Essa formalidade, no decorrer do texto, é destruída, o que pode ser comprovado pela mudança na relação entre os papéis sociais dos interlocutores, cujos comportamentos passam a ser íntimos, caracterizados pelo flerte implícito no trecho final da situação de comunicação. Assim, fica claro que há uma equivalência presente entre a mudança das formas de tratamento e o papel social dos interlocutores, levando-nos a crer que as formas de tratamento podem, dessa forma, expressar os limites da intimidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MAINGUENEAU, Dominique. *Termos-chave da análise do discurso*. Belo Horizonte: UFMG, 2000.

PRETI, Dino. Papéis sociais e formas de tratamento em A ilustre casa de Ramires, de Eça de Queiroz. **In:** BERRINI, Beatriz (org.). *A ilustre casa de Ramires – cem anos*. São Paulo: Educ, 2000, p. 85-109.

ROBINSON, W. P. *Linguagem e comportamento social*. Trad. Jair Martins. São Paulo: Cultrix, 1977.

VERÍSSIMO, Luís F. *O analista de Bagé*. 100 ed. Porto Alegre: L&PM Editores, 1995.